



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ZERO

Revista

Cronicadas

Criança alheia e uma avó com fogo do nordestino, entre temas familiares ou não

Manda-chuva

Delfim Pádua declara que não é cartola mas comunista e foge das acusações

Do samba

No dia em que Nega Tide morreu, todos os tamborins, surdos e repeniques calaram

A **Zero Revista** é o resultado da produção dos alunos da disciplina Redação V durante o primeiro semestre de 2011. Orientados pelo professor Mauro César Silveira, produzimos dois perfis jornalísticos, uma crítica musical e dezenas de crônicas, com temas bastante variados.

Essa diversidade de conteúdos, que você poderá comprovar nas páginas a seguir e na ilustração da capa feita em conjunto pelos próprios repórteres, representou um grande desafio para as equipes de edição e diagramação – compostas somente por estudantes –, que tentaram solucionar o “problema” da aleatoriedade temática e, assim, conferir unidade à publicação.

A subjetividade está presente em todos os textos, em todas as escolhas editoriais, e não tivemos a menor pretensão de negá-la. Ordenamos os textos não apenas com o intuito de proporcionar uma leitura leve e prazerosa, mas também para evidenciar os vários ângulos e lentes sob os quais uma mesma realidade pode ser vista e analisada.

Agradecemos ao Departamento de Jornalismo da UFSC e a todos os alunos, professores e ilustradores que contribuíram para a publicação da **Zero Revista**.

Boa leitura a todos!

ZERO
Revista

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo
Zero Revista

Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC,
produzida na disciplina Redação V
Ano I - Nº 1 - Novembro de 2011

REDAÇÃO Daniel Giovanaz, Daniela Nakamura, Gian Kojikovski, Ingrid Fagundez, Isadora Mafra, Leonardo Lima, Luisa Pinheiro, Marília Labes, Maíla Diamante, Milena Lumini, Monique Nunes, Paulo Junior, Thayza Melzer, Thiago Moreno, Willian Reis **EDIÇÃO** Daniel Giovanaz, Ingrid Fagundez, Marília Labes, Paulo Junior **DIAGRAMAÇÃO** Juliana Ferreira, Luisa Pinheiro, Milena Lumini, Nathale Ethel Fragnani, Thiago Moreno, Stephanie Pereira **ARTE** André Lucas Paes, David Pereira Neto, Dharlan Lacerda Silvano, Felipe Parucci, Felipe Tadeu, Fernando Goyret, Leonardo Lima, Rafael Alves, Rayssa Müller Spaniol, Stephanie Pereira **COORDENAÇÃO** Professor Mauro César Silveira **IMPRESSÃO** Azul Editora e Indústria Gráfica Ltda **CIRCULAÇÃO** Nacional TIRAGEM 5.000 exemplares

sumário

crítica

3 **Meteoro ou meteorito?**
Paulo Junior

perfil

4 **Nega Tide é uma festa**
Willian Reis

5 **O mercado de cada um**
Milena Lumini

6 **Eu não sou cartola**
Daniel P. Giovanaz

crônica

7 **Futebol em maiúsculas**
Gian Kojikovski

8 **Trocando os papéis**
Thayza Melzer

São Valentim da terceira idade
Maíla Diamante

9 **Minha casa é sua casa, mãe**
Monique Nunes

10 **Pelo bem do coletivo**
Isadora Mafra

11 **Bom dia, motora!**
Daniela Nakamura

12 **O etnólogo supermoderno que me perdoe**
Marília Goldschmidt Labes

13 **Soy antropóloga**
Luisa Pinheiro

14 **Sobre o ser inconstante**
Thiago Moreno

15 **Vaidades que a terra há de comer**
Jéssica Butzge

Meio-termo
Leonardo Lima

16 **Fones de ouvido**
Ingrid Fagundez

Meteoro ou meteorito?

por Paulo Junior

Há cerca de quatro anos, quando César Menotti e Fabiano faziam o leilão de seus corações e Victor e Léo apresentavam sua fada querida, o sertanejo ressurgia no cenário musical brasileiro. Muitos pensaram que esse novo sertanejo, que não tem nada de universitário, seria só uma marolinha. Mas agora se observa que ele se transformou num *tsunami*, ou melhor, para lembrar uma das músicas do gênero, caiu como um meteoro (estrela cadente) para uns e meteorito (resto) para outros. O chamado sertanejo universitário está associado ao ressurgimento do estilo musical nas festas acadêmicas. Assim como nem todos os universitários gostam do gênero, grande parte dos cantores também não atingiu esse grau de escolaridade.

As muitas duplas e cantores solos começaram a infestar as rádios, se exibir nos programas de TV, fingir que cantavam em supostos shows e ganharam cada vez mais investimentos de gravadoras que o transformaram em POP. Os chapéus de *cowboy* foram abandonados, as violas deixadas de lado e as canções começaram a se empobrecer. As apresentações não são somente em rodeios e em determinadas casas noturnas. Eles invadiram outras baladas, passando pelos pagodes, micaretas e até no carnaval da Bahia. Algo quase inimaginável. Tudo para agradar o mercado. Quem ouviu Tonico e Tinoco, Milionário e José Rico, Sérgio Reis e outros sertanejos mais de raiz, agora têm que aturar uns aspirantes a cantor.

O nível está tão baixo que principalmente nas duplas é difícil distinguir uma das outras. Nessas, a divisão de primeira e segunda voz está clara. Porém, falta uma identidade vocal e beleza melódica tanto para as duplas, quanto para os solos. Fora a desafinação, que na maioria das vezes é resultado de forçação de barra. Afinal, muitos deles querem ter um agudo que não têm e acabam não o atingindo. Chegam a ser ridículos, pois parecem que se excedem para fazer o "número 2". O ideal é achar um tom adequado e se sentir confortável cantando nesse tom. Mas é claro que quando preparados podem atingir outras escalas. Em geral, o que salva esses cantores são os arranjos razoáveis, presentes nas gravações e nos quase shows. Mas o que adianta ter belas bandas acompanhando, com uma ótima parte rítmica e harmônica, se a melódica, que fica a cargo dos cantores, deixa a desejar?

Luan Santana em seu último DVD Luan Santana Ao vivo no Rio quis realmente dar uma de estrela. Mesmo descendo por uma corda e fazendo um jogo cênico que também não foi tudo aquilo, continua horrível. Para completar ainda tem a participação nada especial, me desculpem os tientes, de

Ivete Sangalo. Se Luan Santana sonha em ser um cantor de verdade, ele vai ter que mudar e muito. Não basta só tentar ser um galãzinho e dar uns gritinhos para agradar menininhas ingênuas e enfim ser POP. É claro que o retorno financeiro é ótimo. Mas e a arte? Ou melhor, a música, onde está? Nota-se que além de ele não ter uma boa voz, nem se esforça para conquistá-la. O mais provável é que esteja um pouco perdido e sem um bom referencial musical.

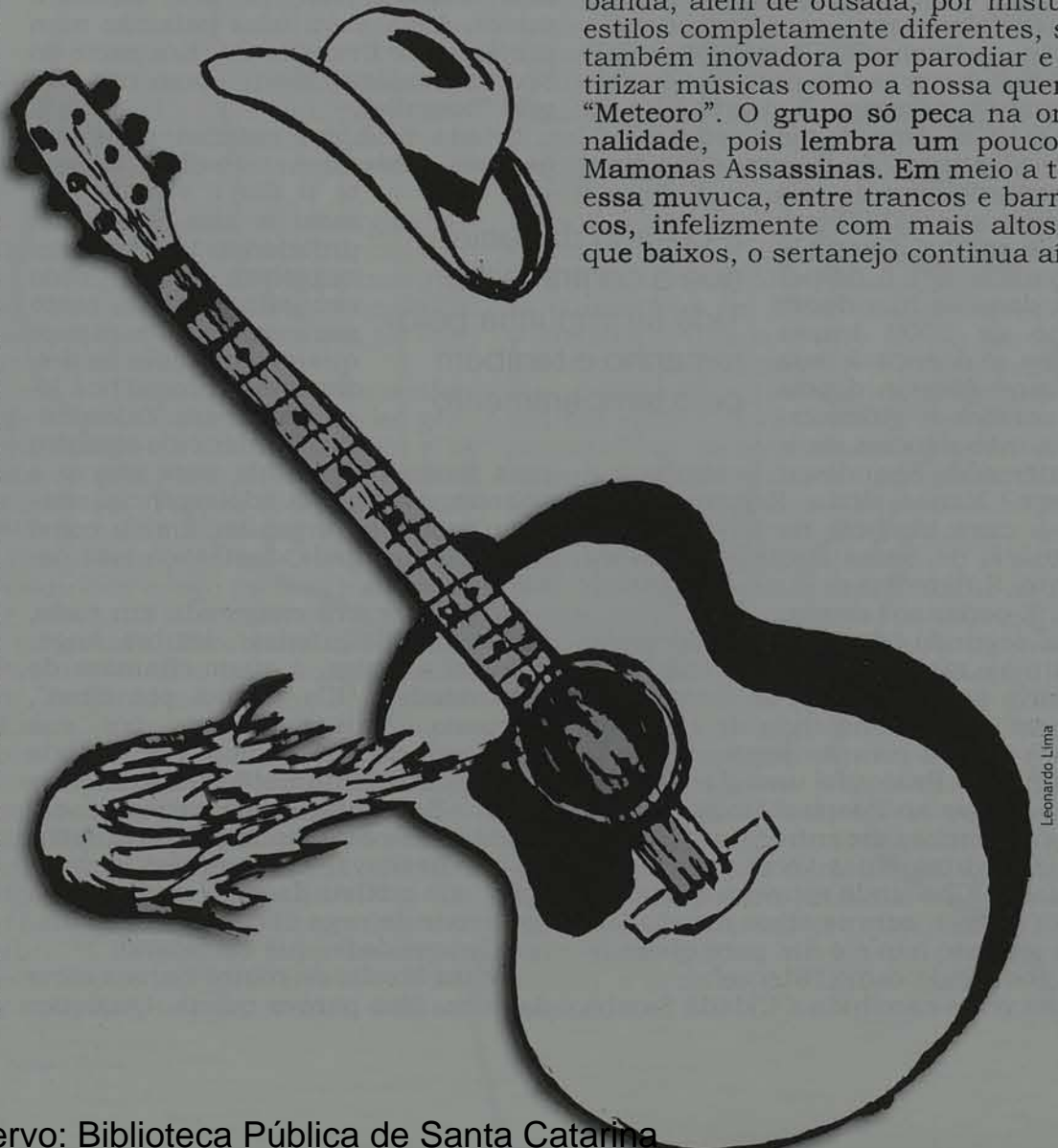
Em sua fase mais caipira, as letras sertanejas contavam verdadeiras histórias, destacando amores, angústias e a própria vida do sertanejo. Vale lembrar "Boate Azul", "Menino da Porteira", "Longa estrada da vida", "Moreninha Linda" e "Romaria". No atual contexto, com o êxodo rural, as canções têm abordado principalmente o amor. As letras giram em torno do casal, das separações, traições e coisas moderninhas. Algumas chegam a ser banais, com o uso de gírias como "Paga pau", da dupla Fernando e Sorocaba. Outras entram no clima de discussão da relação, como "A fila andou", de Maria Cecília e Rodolfo. Embora as letras acabem registrando uma época, através de seus costumes e mudanças, as do atual sertanejo são de certa forma caricatas.

A cantora Inezita Barroso plantou a semente da mulher no sertanejo de raiz. Atualmente, no alto de seus 86

anos, continua na ativa, cantando e comandando o programa Viola, minha Viola na TV Cultura, no ar desde 1980. Uma ótima representante vem regando essa semente: Paula Fernandes se destaca principalmente pelo seu belo timbre. Da legião de péssimos cantores é, sem dúvida, uma exceção. Ela tem um bom grave e consegue com maestria outros tons. Um fator que contribui para seu sucesso é a pitada de *country*. Outro nome feminino é Maria Cecília. O que seria interessante agora é o lançamento de uma dupla de mulheres. Afinal, elas estão conquistando seus espaços em várias áreas.

A mistura do sertanejo com o pagode resultou em algo um tanto esquisito. A síncope - batucada - do samba com os demais elementos do arranjo sertanejo, fez com que ficasse meio parecido com um forró. Isso se observa na música "Troco", presente no último DVD de Maria Cecília e Rodolfo, com a participação do grupo Exaltasamba. Já a mescla com a música eletrônica, seguindo uma lógica de mercado, inovou timidamente. O CD Pista Sertaneja, lançado no início do ano, fez com que um dos seus produtores, Mr. Jam, cunhasse o novo estilo de housenejo.

Pode-se considerar que a experiência bem mais sucedida de mescla do gênero é com o *heavy metal*. A banda Comitativa do Rock, antes mesmo da atual ascensão do sertanejo, aposta nessa combinação, acrescentada de doses de humor. Isso faz com que a banda, além de ousada, por misturar estilos completamente diferentes, seja também inovadora por parodiar e satirizar músicas como a nossa querida "Meteoro". O grupo só peca na originalidade, pois lembra um pouco os Mamonas Assassinas. Em meio a toda essa muvuca, entre trancos e barrancos, infelizmente com mais altos do que baixos, o sertanejo continua aí.



Leonardo Lima

Nega Tide é uma festa

por Willian Reis

Ao antever o dia em que o tempo – esse “tambor de todos os ritmos” – mostrará a sua conta aos que ousam desafiá-lo, o sambista faz poesia e canta: “Quando eu não puder pisar mais na avenida, quando as minhas pernas não puderem aguentar levar meu corpo junto com meu samba, o meu anel de bamba entrego a quem mereça usar”. Estes versos também são o réquiem que Erotides Helena da Silva escolheu para cantarem em sua homenagem.

Dona Erotides se consagrou como sambista. Dominava como poucos a capacidade de fazer arte com o gingado do próprio corpo. E na passarela do carnaval, lá no meio da multidão, conseguia monopolizar para si todos os olhares. Só que os mesmos pés que a levaram ao panteão dos grandes nomes também foram o começo do seu fim, mas não os únicos culpados.

Em 18 de janeiro de 2010, ela saía de cena aos 64 anos. Não vítima do câncer no pé esquerdo, que apareceu depois de uma torção quando descia de um carro e que não foi tratada do modo que exigia. O que a levou foi uma parada cardiorrespiratória. A cerca de um mês para o carnaval. Quando a notícia do seu falecimento se espalhou pela cidade, os tamborins, surdos e repiniques nas quadras das escolas de samba também pararam. A quarta-feira de cinzas tinha chegado mais cedo.

Um dia antes de falecer, dona Erotides participava do júri do concurso que escolheu a rainha da escola Colônia. Era a despedida daquela que desde junho de 2009 lutava contra a doença à sua maneira. Mesmo depois das sessões de quimioterapia, não deixava de ir ao mercado. Abandonar o samba e a cerveja? Menos ainda. Religiosa, buscou a cura também na fé. Rezou no santuário de Santa Paulina, em Nova Trento. Submeteu-se à cirurgia espiritual. E pediu aos orixás.

Na segunda-feira em que faleceria, sentiu-se mal pela manhã enquanto passava por um exame de tomografia. Chegou a ser transferida de hospital, mas à noite o coração parou. A jornalista Angela Bastos foi uma das primeiras a chegar ao Hospital Universitário. “Os enfermeiros me entregaram as roupas dela, uma blusa verde e uma calça jeans. Elas ainda estavam quentes”, conta Angela, com os olhos marejados. Mas a morte não é o fim para quem ficou conhecida como “Eterna”.

Seis vezes escolhida a Cidadã Samba

do carnaval de Florianópolis e rainha do Berbigão do Boca, dona Erotides é Nega Tide. Aquela que desceu o Morro do Céu para desfilir pela primeira vez na Protegidos da Princesa, aos 11 anos de idade, e fez da passarela seu palco. Aquela que deixou a escola em 1968 após discutir com a diretoria e entrou para a Copa Lord. Foi desse episódio que nasceu uma de suas frases mais conhecidas: “Nega Tide é Protegidos de coração e Copa Lord por convicção”.

Quando se lembrava dos tempos em que não havia o sambódromo Nego Quirido, dizia, orgulhosa: “Só eu conseguia sambar nos paralelepípedos da Praça XV”. Dona Nena (quer dizer, Marilene Santos), que desfilava pela Protegidos, portanto concorrente dela, confirma: “Era difícil competir com ela nos pés, tinha charme”.

E coitado daquele que a contrariasse... Se é que alguém ousaria tanto. Tide se impunha pelo tamanho – 1,80 metro –, mas também pelo temperamento. Falava (e gesticulava) muito, alto e firme. Não era de levar desaforo para casa e, quando se irritava (o que não era difícil), soltava palavras sem nenhum pudor. Aliás, para falar palavrão nem precisava se irritar tanto. Era parte do seu vocabulário, assim como um sin-gelo “bom dia”.

Criada pela avó paterna para que os pais pudessem trabalhar duran-

E coitado daquele que a contrariasse... Tide se impunha pelo tamanho e também pelo temperamento

te o dia e vivendo em meio a tios altamente protetores, teve que desenvolver desde cedo seu jeito enérgico, tanto para conquistar espaço quanto para não se deixar anular, como boa leonina que era. Tal valentia deve ter sido também

uma forma encontrada para vencer a pobreza, pois, já na adolescência, descia o morro para ganhar a vida como babá e empregada doméstica nas casas do asfalto.

“Nega Tide era exagerada em tudo, no sentido de intensa”, lembra Angela sobre a amiga, a quem chamava de “autoridade”. “Ela olhava por cima”, arremata. Mais respeitada por sua franqueza do que temida, era tão boa de briga que botava até traficante para correr. Se algum deles estivesse em frente à casa dela, no morro Nova Trento, não hesitava. E lá iam eles sem reação, sob o olhar daquela mulher com “poorrrrte de nega cheguei” (era assim, com intensidade, que ela falava).

A casa no alto do morro tinha a alma da dona. Não parava quieta. Qualquer

dia era dia de festa. Mas, nesse caso, era festa mesmo. Enquanto o samba rolava no quintal, mostrava seu talento na cozinha. “Ela herdou o dom das baianas para a culinária”, afirma Angela. Gostava de preparar tainha, churrasco, cozido, feijoada, sempre em grandes quantidades, claro, independente do número de pessoas.

“Pode vir que comida tem. Só traz a cerveja”, assim, sem cerimônia, estava feito o convite. “Dali, já saía o pagode”, lembra, com saudade, Márcia Vieira, filha do músico Mazinho do Trombone e uma das grandes amigas de Tide. A festa não tinha hora para acabar, tanto que havia quem até dormisse por lá mesmo.

No Hospital dos Servidores, ela trabalhava como encarregada de serviços gerais, e o então governador Konder Reis (1975-1979) precisou ser internado lá.

Como chegasse sempre animada para fazer a limpeza, chamou a atenção do político, que apenas ouvira sua voz, sua intensidade, e decidiu: “Quero a alegria dessa mulher no meu gabinete”. Tide acabou contratada como telefonista dele.

Além do carnaval, a Estação Primeira de Mangueira e o Avai, a política também era sua paixão. Filiada ao PMDB desde 1979, participou de várias campanhas eleitorais, entre elas a que reeleger Dário Berger à prefeitura da capital em 2008. Foi também quando se envolveu numa briga com o candidato da oposição.

Os dois concorrentes faziam uma passeata pelo centro da cidade. Tide carregava uma bandeira que tinha um cano comprido de PVC como mastro. Ventava muito naquele dia e, de repente, o cano envergou para trás. “Porrrra, quem foi que puxou minha bandeira?” foi apenas o que disse. Impetuosa, deu meia-volta e atingiu com o próprio mastro o autor da suposta provocação. Era Esperidião Amin.

Separada do marido desde que o filho André Visalli, hoje com 32 anos, era criança, Tide passou por dificuldades quando a aposentadoria foi reduzida. Era hora de lucrar com aquilo que melhor sabia fazer: boa comida e muita festa. Começou preparando almoços na quadra da Colônia. A ideia deu certo e, em 2005, no dia em que fazia aniversário, lançou a “Rabada da Nega Tide”. Título, aliás, escolhido a dedo. André diz que servia para homenagear as famosas curvas do corpo da mãe e permitia uma debochada ambiguidade. Politicamente incorreto, como tudo o que envolvia a “eterna Cidadã Samba”.

O mercado de cada um

por Milena Lumini

Em um dia de chuva no Mercado Público de Florianópolis, Marlene pede aos clientes do Bazar Mansur que deixem seus guarda-chuvas molhados no balde próximo à porta. O zelo também se observa nas prateleiras organizadas da loja, que exibe panelas de alumínio e diversos utensílios de cozinha.

Atrás do balcão, Marlene, de roupas asseadas e cabelos bem cuidados, auxilia os clientes. Indica a melhor forma para fazer um pudim de claras e dá conselhos a uma jovem dona de casa. “Se você vai receber visita em casa, faça uma sobremesa mais sofisticada, um *petit-gateau*, por exemplo”. A moça pondera a sugestão com algumas palavras em francês, e Marlene argumenta na mesma língua. Surgem assuntos sobre os tempos de colégio, as duas identificam conhecidos em comum enquanto separam os utensílios necessários para fazer a sobremesa.

Marlene Mansur, a terceira dos cinco filhos de seu Gedeão, estudou no Colégio Coração de Jesus, onde aprendeu o francês. Logo depois de formada, ingressou no curso de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Na faculdade, conheceu o marido, que hoje trabalha com ela no Bazar. Marlene

formou-se aos 22 anos, na primeira turma desse curso da UFSC. Este ano, eles comemoram 50 anos de profissão, e Marlene se orgulha: “Naquele tempo, o negócio era casar cedo...”.

Ela sente falta dos dias de cirurgia dentista. Quando criança, adorava brincar com os irmãos próximo à loja do pai, mas não imaginava estar no comando dos negócios. Marlene assumiu a loja depois que ele faleceu e a irmã adoeceu.

Na parede do Bazar, o retrato do senhor Gedeão, de boina, óculos e um sorriso gentil, observa Marlene cuidando da loja e se orgulhando do pai. Filho de libaneses mas nascido no Brasil, Gedeão comprou o ponto em 1947 com bônus de guerra emitidos em títulos da dívida pública. Começou vendendo armarinhos e logo passou para o comércio de louças. Foi o primeiro a vender alumínio no estado. Recebia a mercadoria de São Paulo e vendia para comerciantes do interior, de São José, Biguaçu e Antonio Carlos. “Eram 3 caminhões de alumínio por mês”, recorda Marlene.

Assim como ela, Alvim Nelson Fernandes da Luz também deu continuidade aos negócios do pai. Começou a trabalhar no açougue do seu Nelson Spinoza assim que saiu do exército, no fim da década de 1970. “Ih, naquela época a gente trabalhava bastante...”, lembra. A fiabreria fornecia carnes para o restaurante universitário da UFSC. Abria por volta das seis da manhã, inician-

do a jornada de 12 horas. Alvim não reclama: “Costume de cachimbo é que deixa a boca dura”, brinca.

Há oito anos, Alvim estendeu a fiabreria para um bar. Hoje, ele senta no balcão anotando os pedidos das mesas e jogando conversa fora com um cliente ou outro. Tem planos para melhorar a infraestrutura do local. Quer reformar o piso e ampliar o box construindo uma cobertura de acrílico retrátil na parte de fora do mercado, como as que viu na Europa. Alvim já tentou fazer isso antes, mas a prefeitura proibiu, pois o prédio é tombado desde 1984.

Ao lado do Bar do Alvim, onde era o açougue de seu pai, ainda trabalha Aurino Manoel dos Santos. Começou no mercado como empregado de Nelson Spinoza aos treze anos. Hoje, ele é dono do box, que comprou, em parte, com dinheiro de um bilhete de loteria premiado.

Desossar bois, cabritos, ovelhas e javalis, oferecer pato, coelho e porco, rechear matambre. É isso o que seu Aurino sabe fazer. “O que eu aprendi foi com a vida. O mercado foi a minha faculdade”, confessa ele que estudou até o terceiro ano do antigo primário.

Nesses tempos de supermercados e carne embalada, Aurino se orgulha de ter como clientes três gerações de uma mesma família. Pai, filho e neto, todos já compraram no seu açougue. “O principal é ter carinho e qualidade”, ele argumenta. Entre um boi e outro, Aurino conversa com os clientes antigos e identifica os novatos do local.

Aurino deixou aflições e saudades nos clientes e colegas de mercado cinco anos atrás, quando teve que passar três meses em Blumenau para tratar do fígado. Disseram-lhe que não passaria de noventa dias. Passou por nove cirurgias e está de volta ao mercado.

Ele se lembra com carinho de uma certa quinta-feira de 1999 quando despertou o Mercado Público com o cheiro de carne assada. Para comemorar 40 anos de trabalho, Aurino cumpriu a promessa de assar um boi inteiro no vão central do prédio. Os preparativos começaram na noite anterior. Retiraram alguns paralelepípedos para instalar o rolete, enfiaram o boi e acenderam o fogo. O churrasco durou 12 horas e fez a alegria dos colegas do mercado.

Aurino não pensa em comemorar as próximas décadas de trabalho. Está preocupado com os planos da prefeitura de mudar o comércio local. Em meio a protestos dos comerciantes, corre uma licitação para a reocupação dos boxes, e o Açougue Aurino não está concorrendo.

Um dia, ele lembra, a água do mar bateu ali do lado. Tinha a Praia do Vai-quem-quer. Os fornecedores pernoitavam na Pensão do Kowalski. Havia feira no vão central às quartas. Bebida era proibida e o cheiro de peixe afastava os transeuntes. Um dia, vão dizer, havia a dona Marlene, o seu Alvim, o Aurino, o Zezinho, o Vidal, o Carlos, o Ede-mésio...



Na parede, o retrato do senhor Gedeão, de boina, óculos e um sorriso gentil, observa Marlene cuidando da loja e se orgulhando do pai



Ilustração e Arte: Stephanie Pereira

Eu não sou cartola

por Daniel P. Giovanaz

Manda-chuva do futebol catarinense desde 1985, o intocável Delfim Pádua Peixoto Filho chega aos 70 anos com uma trajetória repleta de controvérsias

Não há como percorrer a antessala que leva ao escritório presidencial da Federação Catarinense de Futebol (FCF), no segundo andar do mais vistoso prédio da 6ª Avenida, em Balneário Camboriú (SC), sem se deter por alguns instantes para observar as dezenas de retratos pendurados nas paredes. De segunda à sexta-feira, naquelas imagens amareladas pelo tempo, Delfim Pádua Peixoto Filho vê-se abraçado a personalidades como João Havelange, Ricardo Teixeira e Ronaldo, homens cujas palavras, canetas e chuteiras ajudaram a escrever a história recente do esporte mais popular do planeta. As fotografias revelam sua estreita relação com o poder, mas também lhe recordam que já ostentara cabelos, barba e bigode muito mais negros e abundantes do que atualmente. Por isso, seria natural se a atmosfera da antessala despertasse nele uma espécie de amargura, desconforto, ou ao menos nostalgia. Quem conhece Delfim, no entanto, sabe que nada disso o aflige.

Nascido em janeiro de 1941 em Itajaí (SC), o garoto que mais tarde seria eleito seis vezes consecutivas ao cargo de presidente da FCF desejava ser jogador de futebol. Ainda hoje, ele sente saudades dos dias em que atuava como center-half – termo substituído por “volante” na década de 1980 – nas categorias de base do Clube Náutico Marcílio Dias.

O anseio de se tornar um atleta profissional, porém, transformou-se em decepção. O insucesso levou-o à capital do estado, onde se graduou em Direito pelo Instituto Politécnico de Florianópolis. Na mesma época, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e participou da diretoria da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Santa Catarina. Não raramente, ele utiliza-se disso para desqualificar as críticas relacionadas à sua postura antidemocrática no comando da Federação. “Fui preso nos tempos da ditadura, então acho que não preciso dizer mais nada”, reage.

Após um breve período como professor universitário, o ex-militante elegeu-se vereador de Itajaí pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1966 e deputado estadual, pelo mesmo partido, três vezes consecutivas, exercendo a função entre 1970 e 1982. Durante o primeiro mandato na Assembleia Legislativa, subiu ao altar para casar-se com Ilka Aparecida Labes Peixoto, sua esposa até hoje. “Fora disso, é lógico que eu tive muitas namoradas”, intervém o cartola, sem ao menos ter sido perguntado sobre o assunto.

Rapidamente adaptado às nuances que permeavam a atmosfera política, o ambicioso deputado ainda mantinha um inesgotável interesse pelo futebol e por seus bastidores. Eleito presidente do Marcílio Dias em 1981 e, dois anos depois, vice-presidente da Federação, ele aproximou-se novamente do esporte e começou a trilhar um caminho que, como descobriria mais tarde, não teria volta.

As funções desempenhadas em ambientes protocolares, como escritórios e salas de aula de universidades, não apenas tornaram o futuro presidente da FCF consciente da importância de aparentar civilidade e honestidade nas relações interpessoais, mas também possibilitaram a ele exercitar cotidianamente sua capacidade de elaborar estratégias. Por outro lado, o contato com esse novo habitat não impediu que ele conservasse a malandragem e a astúcia aprendidas desde a infância na rua e nos campos de várzea. O seu comportamento evidencia essa mistura: em poucos minutos de



conversa, a polidez e a formalidade se esvaem e fica claro que, aos 70 anos de idade, Delfim Pádua Peixoto Filho ainda é um legítimo boleiro.

Em meio à candura da fumaça produzida pelo charuto cubano que segura cuidadosamente entre os dedos da mão direita, ele revela que não aprecia os jornalistas que se referem aos dirigentes de clubes e federações como ‘cartolas’. Delfim acredita que o jargão “foi criado por membros da imprensa marrom, que só querem criar polêmica”. Sobre os repórteres e colunistas de Santa Catarina, ele afirma que não tem do que reclamar. “Sempre tem aquelas brincadeiras, dizendo que está na hora de eu sair e tal, mas são todos meus amigos. Afinal, o Sarney é senador há muitos anos e ninguém ousa tirar ele de lá”, arremata o dirigente, oferecendo um argumento que parece considerar irrefutável.

Pertencer ao conselho consultivo da Confederação Bra

sileira de Futebol (CBF) e ser amigo íntimo do presidente da instituição, Ricardo Teixeira, são motivos de muito orgulho para Delfim. Baseada em frequentes trocas de favores, essa relação proporciona a ele certos privilégios, como por exemplo, a oportunidade de assumir o cargo de chefe da delegação brasileira no Mundial Sub-20, disputado na Colômbia entre julho e agosto de 2011. Sintomaticamente, menos de uma semana após o término do torneio, a FCF emitiu uma nota oficial proibindo qualquer manifestação contrária a Teixeira no estádio Orlando Scarpelli durante o clássico entre Figueirense e Avaí, pelo Campeonato Brasileiro - na manhã anterior à partida, o Ministério Público Federal de Santa Catarina (MPF-SC) conseguiu uma liminar que vetou a censura, por considerar que esta “feria de morte o direito de livre expressão de pensamento”. Não é de se estranhar, pois, que “espetacular”, “trabalhador” e “honesto” sejam alguns dos adjetivos que Delfim use para descrever o mandachuva do futebol nacional, acusado de nepotismo, omissão de rendimentos provenientes de suas atividades rurais no Rio de Janeiro, compra de deputados e senadores, entre outras atividades ilícitas. Ricardo Teixeira depôs em três Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), e foi absolvido de todas as denúncias.

O charuto, a barba e os gestos ora intimidantes, ora caricatos do presidente da Federação Catarinense de Futebol lembram, em alguns instantes, a figura do revolucionário argentino Ernesto ‘Che’ Guevara. Talvez, a semelhança seja mesmo proposital. “Che foi um gênio e é uma grande influência. Tive a oportunidade de conhecê-lo, e até de conversar com ele. Acho aquela frase ‘Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás’ espetacular. São palavras que regem a minha vida”, revela, em tom de idolatria. O dirigente deseja, inclusive, pendurar um retrato do ex-guerrilheiro na parede do seu escritório, para servir como inspiração. “Tinha um quadro dele aqui, antes da reforma”, relembra. “Tá fazendo falta”.

“A frase ‘Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás’ é espetacular. São palavras que regem minha vida”

Ao contrário de Che, contudo, Delfim declara que não coleciona inimigos. “Tenho apenas um, em Florianópolis. Um ex-árbitro que não seria nada sem a minha ajuda, mas decidi ficar contra mim”, confessa, contrariado, sem sequer mencionar o nome. “Todo mundo sabe de quem eu tô falando. As iniciais são D.B.”. Ele se refere a Dalmo Bozzano, que tentou formar uma chapa de oposição para concorrer à presidência da FCF e, em maio de 2007, acusou o cartola de alterar estatutos para perpetuar-se no comando do futebol do estado.

Em maio de 2010, seu poder centralizador foi delatado novamente, desta vez pelo então vice-presidente da Federação, Nelson Lodetti. “Ele é uma pessoa muito boa, mas é ingênuo. Aí, foi enrolado por um jornalista, e acabou dizendo que era eu quem escolhia os árbitros dos jogos”, explica o dirigente, inconformado com a suspeita de que não teriam sido realizados sorteios de arbitragem em partidas do Campeonato Catarinense de 2010. Segundo ele, houve apenas um mal-entendido, porque “o Lodetti não tinha noção de como funcionavam as coisas”.

Além de se esquivar de acusações, Delfim utiliza os horários fora do expediente para descansar na companhia dos netos, assistir a jogos de futebol pela televisão e ir à igreja. Embora faça questão de afirmar que “carrega os valores comunistas até hoje”, ele é católico convicto, e acredita que isso não representa, de forma alguma, uma contradição.

O atual mandato do presidente da Federação Catarinense de Futebol termina em abril de 2015. Quando forem realizadas as próximas eleições, ele terá completado três décadas no cargo. “Enquanto eu tiver saúde, posso ficar mais uns aninhos aí”, professa o septuagenário dirigente que não admite ser chamado de cartola. Sua risada buliçosa e despreocupada dá a entender que, de fato, não há empecilhos para a sétima reeleição.

Futebol em maiúsculas

por Gian Kojikovski

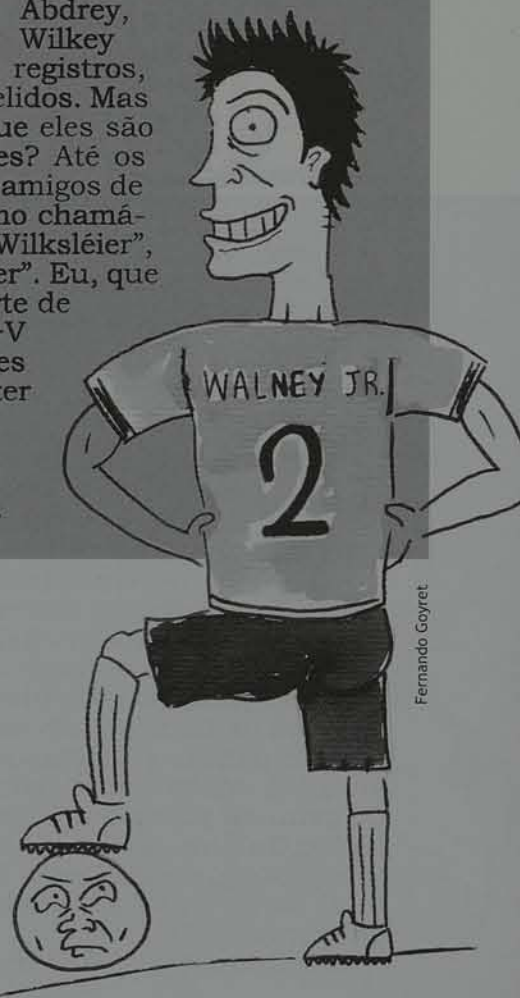
Liedson, Jobson, Revson. Esses são alguns nomes de jogadores de futebol que terminam em “son”. Bem, eu estou explicando porque, caso você não seja um aficionado pelo esporte, não tem a obrigação de conhecer ninguém com mães e pais tão criativos. Aliás, nem o editor de texto do meu computador reconhece mesmo. Mas se você for um aficionado, vai saber que essa lista só está começando. Elkeson, Wallyson e Keirrisson não me deixam dizer o contrário.

Você pode achar que é fácil criar um apelido para um futebolista. Se for zagueiro, põe um aumentativo e pronto: Fabão, Luizão, Marcão... Se for atacante, põe no diminutivo: Robinho, Ronaldinho... Se o nome for Antônio e jogar em todas as posições, da metade do campo para trás é Tonhão e do meio para frente Toninho. Se tiver estilo, coloca Adriano Michael Jackson. Semelhança com animal? Paulo Henrique Ganso. Se já tiver outro jogador com o mesmo nome no time, usa a geografia para diferenciar: Juninho Pernambucano, Marquinhos Paraná.

Na verdade não é bem assim. Vasculhar os arquivos da Confederação Brasileira de Futebol mostra que as alcunhas são bem mais criativas, e estranhas, que essas. O Wladenilson, coitado, é chamado de Nyl. O Rodrigo Pinheiro é o Igor Mineiro (?). A mãe do Robin Pierre Pereira provavelmente tentou homenagear o iluminista francês Robespierre, já com o Robim Almeida não dá para saber se foi o ladrão-herói Robin Hood ou o companheiro do Batman, mesmo.

Por falar em homenagens, temos vários ex-presidentes americanos craques de bola, como o George Washington Soledade, o Thomaz Jhefferson Santana... Alguns pais já previam o caminho que os filhos iriam seguir. Nos registros da confederação são 20 Robertos Rivelinos, oito Edsons Arantes e incontáveis Pelés e Pelézinhos.

Difícil mesmo é saber a inspiração para Abdalla, Abdias, Abdrey, Wyllander Venancio, Wilkey e Wilkesler... Pelos registros, nenhum destes tem apelidos. Mas você realmente acha que eles são conhecidos pelos nomes? Até os 15 anos, aposto que os amigos de pelada não sabiam como chamá-los. “Toca a bola “Wilksléier”, “Chuta pro gol, Hylander”. Eu, que fiz este texto, tenho sorte de existir o CTRL+C CTRL+V para copiar os nomes com a certeza de não ter errado nenhuma letra. Provavelmente mães, pais e cartorários não tiveram a mesma sorte.



Fernando Goyret

Trocando os papéis

por Thayza Melzer

Começa assim: depois do típico almoço de domingo em família, depois de toda a louça lavada e já guardada, as mães, tias e avó se reúnem em volta da mesa para conversar. O assunto é geralmente os filhos. Delas e dos outros. Principalmente dos outros. Se você nunca se deu ao trabalho de prestar atenção nessa conversa não sabe o que é ver a sua mãe mudar de ideia. Como o tema é sempre o mesmo, vai ter sempre um filho adolescente “dando trabalho” porque não quer estudar. Neste caso, um menino de 15 anos, cursando a 1ª série do ensino médio em um colégio tradicionalmente exigente, que ficou em recuperação em oito de nove matérias.

As mães, tias e avó se reúnem em volta da mesa para conversar. O assunto é geralmente os filhos

Ele sabe tudo de videogames. Todas as jogadas, dribles e maneiras de ganhar de qualquer adversário no FIFA 2011 do Xbox 360. Não lê jornais ou revistas porque é tudo muito chato, mas soube antes de todo mundo sobre o ataque à Sony, fabricante do Playstation, que deixou vulnerável os dados pessoais de mais de 100 milhões de usuários em todo o mundo. “Eu falei, o Playstation é um lixo”, conclui em um tom de quem quase pre-

viu o que iria acontecer. “Dá para acreditar?”, diz a mãe preocupada. Ela reclama que o filho topa fazer qualquer coisa, menos estudar. Quando parece que todo mundo vai começar a criticar o comportamento despreocupado do menino, as coisas mudam de figura.

Uma das tias presentes começa dizendo que o comportamento dele está mudando. O menino que era sempre doce e atencioso com todo mundo anda tão chateado que às vezes evita contato com o resto da família. Não está certo a escola incomodar tanto assim, isso é um sinal de que, talvez, ele deveria estudar em outro lugar, que ele se adaptasse melhor. Quem sabe o método de ensino utilizado na escola não é o mais apropriado para ele. Há alguns anos, quando o rendimento escolar de sua filha mais nova começou a cair, ela virava noites estudando com a menina e contratou uma professora particular para melhorar as notas, mas isso não vem ao caso. Sem essa interrupção, a tia continuou dizendo que, além disso, a escola é longe, intermináveis 15 minutos de ônibus, e que do ponto de ônibus até a entrada da escola ele ainda tinha que andar por exaustivos cinco minutos.

A outra tia concorda e acrescenta que essa exigência toda é culpa do vestibular, um sistema quase desumano. Por causa de uma prova, as crianças têm

que estudar muito desde cedo. O seu filho mais velho, que está escutando toda a conversa, interrompe e pergunta para sua mãe porque ela o colocava de castigo quando ele não tirava nota dez no ensino fundamental. Ela respondeu que ele sempre foi muito maduro e que sabia lidar com esse tipo de pressão. O filho, hoje formado em Direito, pela primeira vez em muito tempo não soube o que dizer.

De repente, ele se deu conta de que a sua mãe não respondia mais como a mãe de um menino que precisava estudar para passar de ano e sim como a tia de outro que estava cansado de estudar e só queria jogar *videogame*. Suas irmãs e mais dois primos, todos formados ou terminando a graduação, trabalhando várias horas por dia, alguns em dois empregos como qualquer pessoa comum, formaram outra roda de discussão. Novo tema: como as mães mudam de comportamento quando não se trata dos filhos delas. Os filhos reunidos comentavam do comportamento das mães. Suas e dos outros. Principalmente das suas. A mãe que nunca se deu ao trabalho de prestar atenção nessa conversa não sabe como é se ver através de seus filhos. Como o tema é sempre o mesmo, vai ter sempre uma mãe que acha que a bagunça que o filho de outra fez na sala é só coisa de criança. Para que dar castigo pro menino?

David Pereira Neto

São Valentim da terceira idade

por Maila Diamante

“**D**esci do prédio e vi ele encostado ao ponto de ônibus. Pensei que tinha tido o azar de marcar encontro com um pé-rapado. O homem era um pão, mas pão-duro eu não queria não.”

Longe de encontrar esse depoimento em revista para adolescentes, a sinceridade veio da lãbia experiente de dona Maria. Maria cheia de graça e libido. Do sertão cearense, trouxe consigo ainda moça o sotaque e o calor, dos quais não arredou pé nem no clima ameno do Sul. “Lá os homens são mais chegadinhos, visse?” Hoje, vive de pensão rala e aposentadoria minguada, mas há 40 anos era primeira-dama de Terra Rica, cidadezinha do cafundó paranaense, fronteira ao cafundó paulista. Neuto Galdino, o falecido marido e ex-prefeito, caíra nas graças daquela mulher a quem chamava de rainha. Bonita, Maria tinha a personalidade de uma majestade do cangaço.

Além das visitas desencarnadas de Neutinho, “ao me-

nos um sábado por mês”, o que mantém o sorriso resistente aos mais de 79 anos são os bailes dominicais, com o perdão do Senhor pela atividade em dia de descanso. Desde que se estabeleceu em Maringá, há dez anos, sua chegada no Clube do Vovô é aguardada ansiosamente pelos melhores pés-de-valsas da sua faixa etária. A preferência? Um rala-coxa bem coladinho, tendo o parceiro namorada ou não. O compasso e uma boa pança fazem parte dos pré-requisitos na escolha do parceiro de dança. Ela explica que a barriga a poupa do inconveniente da animação excessiva do companheiro, estimulada pelo balanço do soltinho. “É bom porque não encosta lá.”

Mas quem Maria realmente queria ver com esse vigor todo tomava remédio para tratar da depressão e da insônia. Agenor, 67 anos e pinta de cinquentão, além de não sorrir, também não dançava. Ainda assim ela o escolheu como pretendente. No dia do encontro soube que não era o pé-rapado que julgara: tinha carro e aposentadoria

Minha casa é sua casa, mãe

por Monique Nunes

É inevitável, sempre que a gente ouve “Filha, estou indo te visitar!” o primeiro pensamento é “Oba, minha mãe vem me visitar! Putz! Preciso fazer faxina!”. Não importa se você limpou a casa inteira ontem, a partir do momento em que sua mãe diz que vem pra sua casa, você sabe que aquela limpeza não é suficiente e precisa ser refeita, afinal, mães reparam até nos botões do fogão, que você não tem a menor ideia de como vai fazer para limpar antes de ela chegar.

Claro que nunca dá tempo de terminar a faxina, porque a mãe sempre descobre o período em que você tem mais trabalhos atrasados e escolhe aquela data para te visitar. Assim como não dá tempo de sumir com aquele monte de roupas espalhadas pelo quarto, algumas precisando ir para o cabide, outras pra máquina de lavar. A mãe sempre vai te ajudar a limpar a casa toda, lavar a roupa e deixar tudo organizado, mas não sem repetir que é um absurdo ela viajar pra descansar e ter que ficar limpando a sua casa.

Mas é divertido quando ela vai conhecendo melhor a casa, faz a gente se lembrar do quanto nossa mãe é engraçada e até meio neu-

rótica. Por exemplo, ela sempre vai sentir falta de algum utensílio doméstico que você não tem e nem sente falta, mas que ela não sabe como você vive sem. Provavelmente ela vai acabar comprando aquele objeto estranho e que nunca será usado, mas se você insistir muito que é besteira comprar, é provável que ela inclua o objeto na mala na próxima visita. A minha, por exemplo, quando vem me visitar traz uma garrafa térmica e coador de café.

Mãe também não entende como você sobrevive com tão pouca coisa na geladeira, mesmo você repetindo que mora sozinha e por isso não precisa de uma geladeira cheia como a dela, que tem três filhos, marido, genro e recebe visitas. Não tem jeito, ela te leva ao supermercado e enche um carrinho de coisas que você tem certeza que vão acabar estragando, mas que ela garante que um dia, com fome, você vai acabar comendo.

A parte ruim da visita da mãe não é nem o esmalte arruinado com a faxina antes da chegada dela, nem ter que ceder a cama e dormir naquele colchão no chão. O duro mesmo é que não importa quantos dias ela fique na sua casa, nunca parece ser o suficiente. A gente sempre fica com o coração apertado querendo mais

dias de comida de mãe, cafunés e café da manhã.

Ô mãe, mal sabe você que normalmente a geladeira e a despensa têm bem menos comida saudável e muito mais congelados quando a senhora não está por aqui. Eu sei, a senhora me ensinou a cozinhar, sempre tentou fazer com que eu comesse coisas saudáveis e tentou educar minha alimentação, mas é complicado cozinhar algo elaborado com tantos textos para serem lidos. Um dia, acabamos descobrindo a praticidade do pão com presunto ou da lasanha congelada.

Ô mãe, não vai embora, tá cedo. Fica mais um pouco, pode dormir na minha cama, eu prometo que tomo o café da manhã amanhã ao invés de responder que nunca como de manhã e se a senhora quiser, eu até compro uma garrafa térmica pro seu café. Não tem jeito, precisa mesmo ir cuidar dos outros filhos? Tá bom, então sua benção mãe, boa viagem.

A gente se vê no próximo feriado, lá em casa, onde a senhora ainda não teve coragem de desfazer meu quarto, mesmo eu dizendo que pode usar ele pra outra coisa.

O duro mesmo é que não importa quantos dias ela fique, nunca parece ser tempo suficiente

confortável. O Gol 2003 foi estreado dez minutos após a apresentação e os três beijinhos. Ela respondeu ao convite para dar umas voltas com um sorrisinho escorregadio, quase sem vontade. Por dentro, porém, lhe queimava o ardor de um Nordeste guardado desde a morte de Neuto.

Pararam numa rua escura. A passagem de duas moças ao lado de onde Agenor estacionou deixou-a acanhada, fazendo-a desviar da primeira tentativa de beijo. “Elas ficarão é com inveja, Maria.” Os olhos abrilhantaram-se com a promessa, que foi devidamente cumprida num beijo cinematográfico.

As janelas já gotejavam o suor dos dois corpos. No frescor da noite contrastando com a temperatura de dentro do carro, encerra-se o primeiro carinho, que parecia interminável. Maria riu da limpeza que Agenor fez com o polegar no canto da boca. Começaram, aos risos, o *round II*, dessa vez dando espaço a mãos sem destino definido. Ela esquentou ao sul de seu Equador, enquanto Agenor não moveu um milímetro do “músculo”. Tamanha inércia foi notada pela malícia de mulher observadora: “Ai pai, homem bom que nem esse não funciona bem da carne?”

Não foi difícil descobrir que esse era o motivo da depressão do homem. Junto à descoberta veio o telefonema, no dia seguinte, avisando-a da despedida. “Você não

me quer então, Agenor?” Querer ele até queria. Mas não conseguiria nem com ela, nem com mulher nenhuma. Do sexo só colhia a secura de uma catinga desabitada. “Você está certo, eu preciso de verão inteiro. Mas pensa, homem! Neuto tinha isso também. Foi ao médico, sarou. Tem remédio, visse? Se quiser, te espero.” Não se viram mais.

Um segundo telefonema, uma semana depois, acaloraria Maria mais que os três cobertores que a protegiam do dia mais frio do ano. “Funcionou, minha rainha! No outro dia fui ao médico, e com uns dois dias de remédio e a sua lembrança durante a insônia eu ressuscitei!” Às cinco horas da tarde, tanto ela quanto ele começaram o ritual: um banho escaldante para sumir com as impurezas cotidianas – as de corpo e de alma. Ela, perfumes e maquiagem discreta; ele, asseamento e barba feita. Mais que São Valentim, celebrariam naquele dia uma Páscoa pagã. Santa seria, para eles, a ressurreição do divino desejo.



Pelo bem do coletivo

por Isadora Mafra

Uma manhã normal, eu no ônibus, sentada no lado da janela – gosto de olhar o mar, que acompanha um bom trecho da minha rota matinal. Num dos pontos seguintes sobe uma mulher, uns 30 eu diria. Uma bolsa grande, uma sacola na mão, todos os bancos estão ocupados, exceto o meu e o de um senhor ao lado, que já estava no ônibus quando entrei. Ela escolhe sentar-se do meu lado, uma resistência natural ao homem sozinho, atitude muito comum quando você observa as reações femininas no mundo-ônibus.

Sem problemas, não me importo em dividir assentos, mesas em praças de alimentação e bancos de rua com estranhos. Muitas pessoas têm essa resistência, quase como se tais momentos fossem extremamente particulares e privados. Mas, você está em público, todo mundo lhe vê, qual o sentido em tanta relutância para dividir o espaço com o outro?

O ônibus seguiu o trajeto costumeiro e como o mar sumira, virei-me pra frente e comecei a notar uma certa inquietação da minha companheira de banco. Primeiro, a mexida nos cabelos. Seguido da ajeitada na sacola e bolsa, aninhando os pertences no colo. Uma conferida no celular – seria alguma ligação importante? De novo, o cabelo, que parecia-lhe perfeitamente ajeitado atrás das orelhas na primeira vez.

Então, o senhor ao nosso lado levantou-se para saltar na próxima parada e, não mais que de repente, eu estava sozinha no banco novamente. Não pude deixar de me impressionar com a velocidade com que a mulher “fugiu” de mim e se acomodou no outro banco, espalhando suas coisas. Não era a primeira vez que isso me acontecia, tão pouco a primeira que me incomodava. O ápice foi uma vez em que eu entrei no ônibus e escolhi sentar ao lado de uma jovem senhora. Não mais que dois minutos depois, ela se levantou e marchou em direção

Fomos acostumados a pensar que “menos é mais”, porém, isso também vale para as relações humanas? Não é o ser humano um ser social?

à parte traseira do ônibus para acomodar-se num banco sozinha.

Por que tanta pressa para sair de perto de alguém? Sempre que acontece, fico me perguntando o que há de errado com essas pessoas que não suportam dez, 20 minutos ao lado de alguém desconhecido, num espaço em que nem há a regra pré-estabelecida de se manter uma conversa sociável.

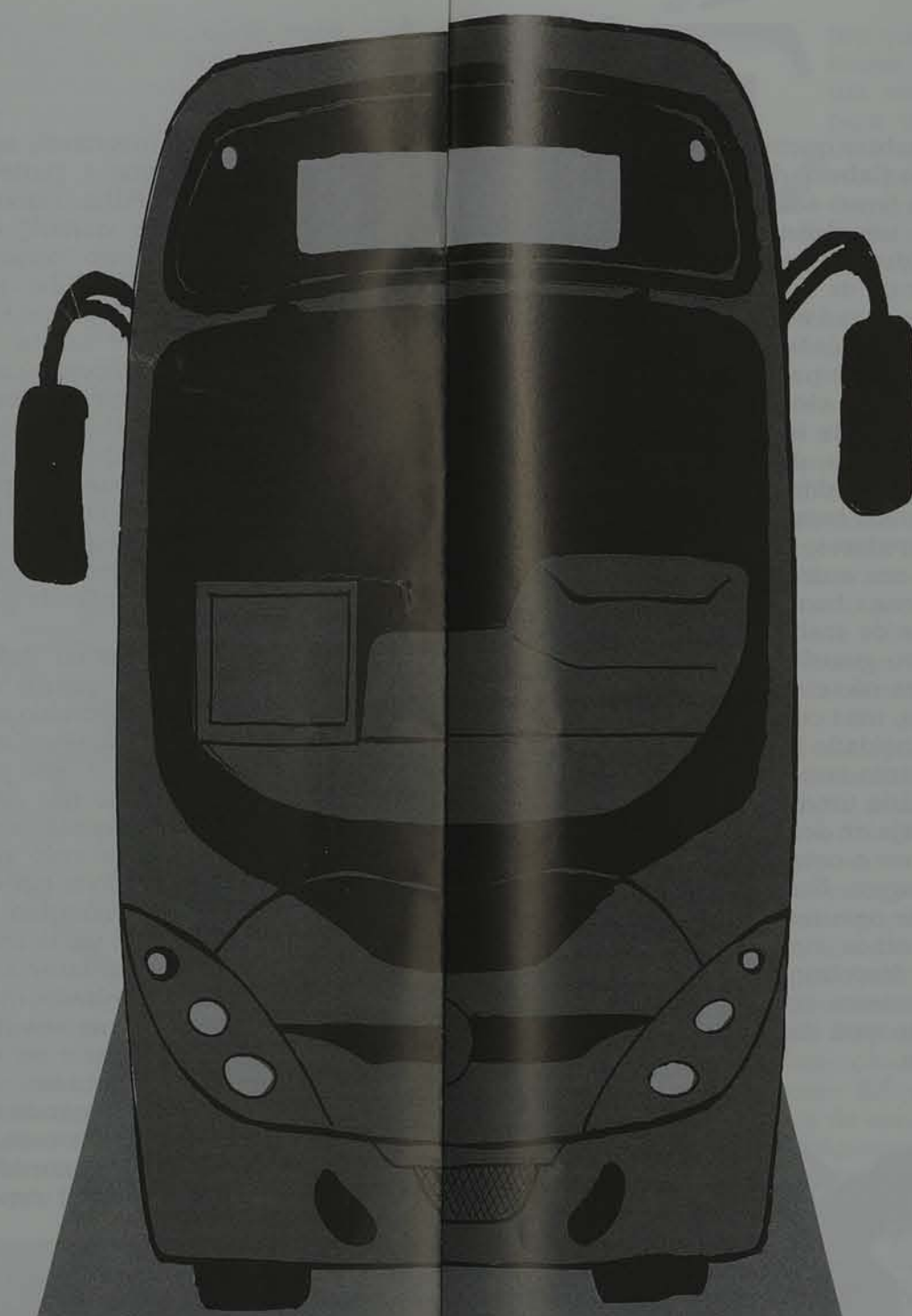
Via sempre como um bloqueio social, algo como uma das plaquinhas que se coloca em portas de hotel. Um “do not disturb” para ônibus. Talvez fosse isso, ela não acordou bem, brigou com o namorado na noite anterior, queria apenas ficar na dela, sem ninguém cruzando a linha invisível que delimita seu espaço individual. Minha teoria imaginária já ganhava até prova: a bolsa e a sacola colocadas no assento adjacente, impedindo outras pessoas de sentarem ao seu lado.

Mas algo na frequência dessas situações me faz pensar que a explicação não pode ser um simplório “Não estou legal hoje”. Querer se isolar em seu próprio espaço, num ambiente obrigatoriamente coletivo, soa individualista. Não há bancos únicos para todo mundo, obrigatoriamente alguém vai ter que dividir seu assento. Por

que, então, essas pessoas não se importam com o constrangimento coletivo para se manter dentro de seu espaço pessoal?

Isso já quase não surpreende numa sociedade onde um simples apertar de mãos não deve ser feito sem antes as duas pessoas usarem álcool em gel. Ou onde uma criança é repreendida apenas por apontar para um estranho na rua. Estamos condicionados ao “menos é mais”, porém, é preciso ponderar se isso vale para as relações humanas também. Não é o ser humano um ser social?

Então, na próxima vez em que nós subirmos num ônibus, vamos escolher não só sentar ao lado de alguém (mesmo que haja a possibilidade de sentar-se sozinho), como conversar com essa pessoa? Um exercício pelo bem do coletivo.



Bom dia, motora!

por Daniela Nakamura

Depois de tantas passagens por catracas de ônibus, minha indignação só aumenta. E não falo só da indignação de ficar como um João-bobo massacrado entre os outros por não haver algo em que possa me apoiar nos horários de *rush*, a não ser as próprias pessoas. Eu fico mesmo indignada com a falta de interação, de olhares, de conversas e até da falta de educação. Indignada com algumas atitudes, ou melhor, com a falta delas, nos *busões* da vida.

Tudo começa antes mesmo de passar pela catraca. Tem os velhinhos que querem, como é de seu direito, sair pela porta da frente, mas não sabem se vão conseguir, porque quase sempre são atropelados por aqueles que querem entrar no *busão* como se fosse uma mega-liquidação das Casas Bahia. Enquanto os velhinhos que saem agradecem ao motorista, os passageiros apressados que entram mal o cumprimentam, nem mesmo um movimento com a cabeça, um olhar, nada. Parece que um “bom dia” só atrasa, e não adianta de nada. Vai ver que só mesmo os velhinhos têm tempo para ter educação.

Com os cartões de passe rápido, daí mesmo que o cobrador se sente um inútil. Quem passa rápido mesmo, e longe, é a educação. Se o cartão não funciona, o cobrador ainda tem de aguentar as caras enfezadas, como se fosse sua culpa. O olhar do passageiro e o do cobrador geralmente só se cruzam quando o pagamento é em dinheiro. E olhe lá. Às vezes, rola até uma surpresa reversa. O que era para ser normal e rotineiro – cumprimentar, ser educado –, acaba gerando espanto nos outros. Cumprimentar e conversar com estranhos vira uma coisa anormal. Um oi não custa nada. “Oi, simples assim”, já diz aquela propaganda com crianças fofas. Puxar papo com o cobrador pode ser interessante, pode acreditar. Ainda tem a vantagem de se sentar naquele banco

perto dele, que dá pra apoiar os pés.

E na hora de sentar é que a falta de interação reina. Se há vários bancos ainda vagos, mas já ocupados por alguém, começa a caçada para achar um banco desocupado. Será que o prazer de se sentar na janela é tanto pra não poder se sentar ao lado de alguém? Sempre pensei em tirar uma foto que poderia expressar esse tempo de tanta interação por redes sociais e tanto isolamento na vida real. Seria a foto dos bancos ocupados cada um apenas por uma pessoa, ouvindo a *sua* música, lendo o *seu* livro, pensando nos *seus* problemas, mexendo no *seu* iPhone. Esses passageiros pensantes devem ficar furiosos quando são incomodados por aqueles que ainda não sabem que o fone de ouvido já foi inventado e transformam o *busão* em um carro da pamonha ou em um baile sertanejo – universitário, claro.

O que era para ser normal e rotineiro muitas vezes causa espanto. Conversar e cumprimentar as outras pessoas virou uma coisa anormal

Busão lotado é irritação na certa. Se você estiver cheio de compras, sacolas, e ainda com uma bolsa ou mochila, se prepare, porque não é tão comum ouvir um “quer que eu as segure pra você?”. E no meu caso, como a maioria

dos desprovidos de mais altura, você vai ficar como um João-bobo no corredor, porque ou segura as compras, ou se segura, e ainda corre o risco de ver suas cebolas e batatinhas rolando pelo chão e pelos pés.

Se o seu ponto for o próximo e você ainda estiver no meio do corredor, daí vai ser uma maratona você conseguir chegar sem derrubar mais cebolas e batatinhas, sem derrubar ninguém – já que não empurrar é impossível – e ainda conseguir puxar a cordinha. Você sai, aliviado, e psicologicamente preparado, porque amanhã tem tudo isso de novo. Você vai planejar melhor o seu dia pra não levar compras pro *busão*, não levar uma mochila tão estufada e pra sair uns minutos antes ou depois do *rush*. E assim, talvez você entre mais esperançoso no próximo *busão*.

O etnólogo supermoderno que me perdoe

por Marília Labes

Marc Augé disse que as rodoviárias são não-lugares. Para o etnólogo francês, um não-lugar é um espaço de passagem típico da supermodernidade. Onde todos são apenas mais um. Uma oposição contemporânea às raízes e identidades. Gosto da ideia do Augé. Gosto do nome que ele deu a esses mundos provisórios com os quais estamos diariamente em contato. Afinal, como personalizar um supermercado, um aeroporto, um banco, um local com trânsito infinito de pessoas?

O Terminal Rodoviário Rita Maria habita a capital catarinense desde 1981. Com 30 anos de experiência em gente circulando entre seus guichês e portões, acho que ele pode responder à pergunta que finalizou o parágrafo ali em cima. Todos os dias passa pelo Rita Maria, indo e voltando tranquilamente, uma senhora de uns 40 anos. A mulher caminha sempre sorrindo e tem um gosto por roupas peculiares – pelo menos aos olhos dos funcionários, que acompanham dos seus locais de trabalho o trajeto diário da senhora. O pipoqueiro Jeferson fofoca uns papos que ouviu por aí, “ela pode ser do ramo, entende?”. Rodrigo, que fica no caixa da

empresa Eucatur, apenas a acha estranha. Até a apelidou de Claudinha. E olha a Claudinha – dotada de singularidade – desconstruindo o conceito do etnólogo.

O ranking de figuras femininas da rodoviária segue com a velhinha que, semanalmente, vai à lanchonete e pede pasteis sem muita gordura para Jonathan, o atendente do balcão. Também tem a mulher mais triste de todas. O Jeferson disse que ela parece meio doidinha e que, por viver na rua e trazer consigo o cheiro de sua rotina, era seguida por um guarda que amenizava a miséria com um tubo de Bom Ar. A palavra dó foi a escolhida pelo pipoqueiro quando ele falou sobre a mulher mais triste de todas.

Quando opõe o conceito de lar ao de não-lugar, Marc Augé parece esquecer aqueles que se apropriam de um local de passagem para terminarem o dia parados, sob um teto. Os seguranças não podem deixar ninguém dormir deitado nos bancos da rodoviária. Mas tentam fazer vista grossa e as pessoas podem cochilar sentadas ali, até que a próxima manhã traga o movimento. Eduardo é segurança do Rita Maria há três anos e conhece os hóspedes noturnos por apelidos. “São sempre as mesmas dez ou quinze pessoas”, conta ele, ten-

tando lembrar quem é quem. Fiquei sabendo do Cabelo, do Tiozinho e do Vô. Também fiquei sabendo que a história de cada um deles acaba sendo a de todos. Eduardo resume o motivo pelo qual saíram de suas casas em poucas palavras. Álcool e traições.

Atrás do balcão do guarda-volumes está José, que trabalha no Rita Maria há quatro ou cinco anos. Para ele, a rodoviária é um lugar social. Um ponto de encontro, assim como os shoppings. Com a diferença de que são as classes mais baixas que passeiam por seus corredores, vêem suas vitrines e comem em suas lanchonetes. Cheio de pequenas frases prontas sobre seu ambiente de trabalho e sobre a vida, José ficou guardado no meu bloco de anotações não como o cara do guarda-volumes, mas como o filósofo da contemporaneidade.

Enquanto isso, a Cláudia frequenta a rodoviária uma vez por mês, há dois anos. Viaja de Joinville até Florianópolis para ver o neto e a filha. Ela está só de passagem. Nunca reparou na mulher triste nem no José. Mas, se olhasse com olhos menos supermodernos, poderia descobrir ali, naquele espaço aparentemente cru que a cerca, uma intrigante xará caminhando sem motivo algum.



É possível dar personalidade a um local como o Terminal Rita Maria, com trânsito infinito de pessoas?



Soy antropóloga

por Luísa Pinheiro

“É pra qual jornal mesmo?” é a pergunta que acaba com qualquer entrevista feita por um estudante de jornalismo. Como falar para uma fonte, especialista ou dona de uma tapiocaria, que a reportagem é uma atividade de aula e não vai ser publicada? O entrevistado te dá nome completo, idade, celular, CEP e nome do cachorro enquanto o futuro jornalista foge de maiores satisfações e às vezes inventa um jornal-laboratório que não está produzindo.

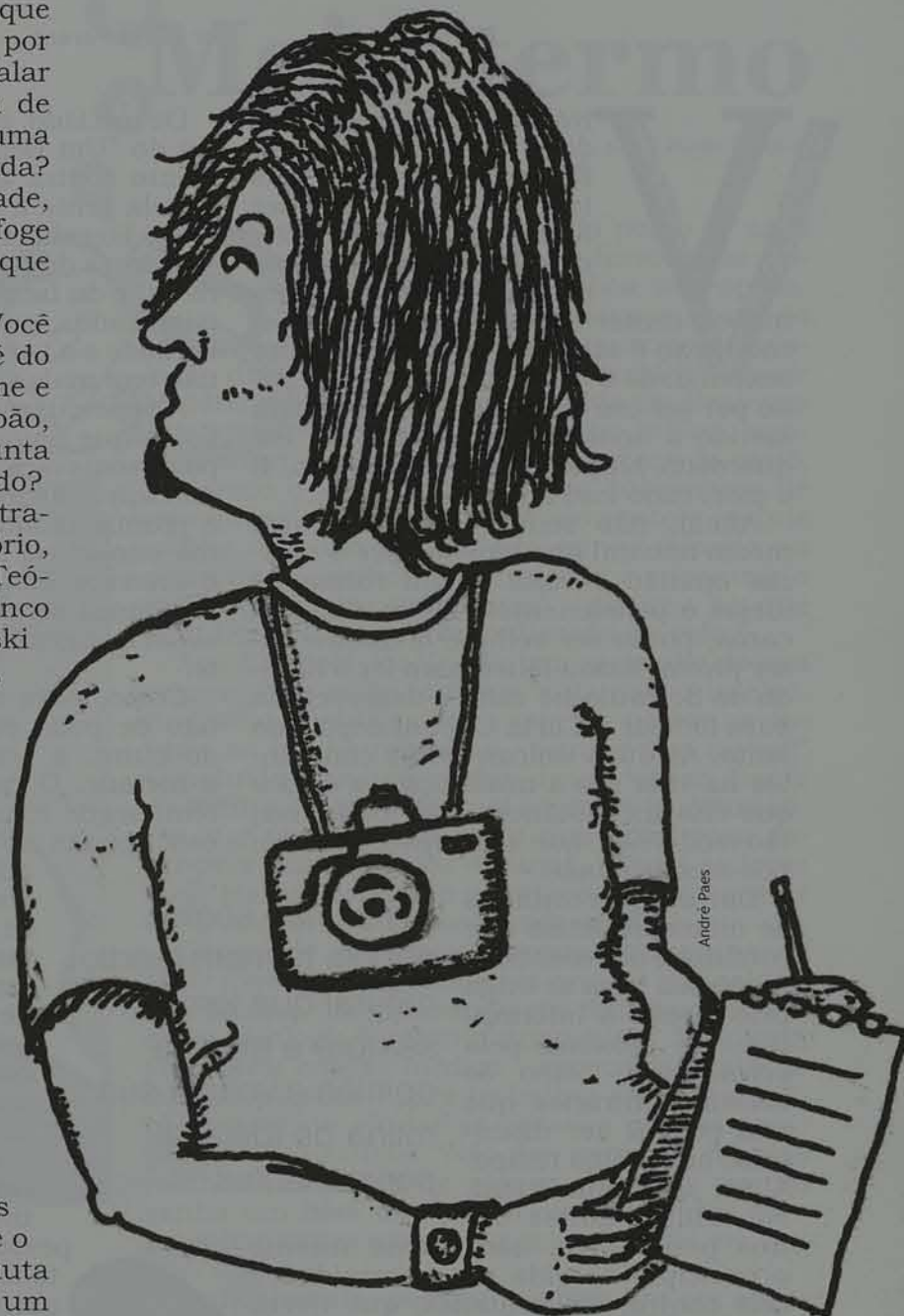
O clima é outro numa pesquisa de campo antropológica. Você conversa com Eduardo, o segurança, João pipoqueiro e o José do guarda-volumes da rodoviária. Sem nem perguntar o sobrenome e ainda pode anotar que o José era metido a comunicólogo e o João, mal criado. A entrevista acaba e eles te deixam ir sem a pergunta que assusta principalmente aos calouros: onde vai ser publicado?

Jornalismo e antropologia não são cursos tão diferentes. O trabalho começa com apuração em campo e termina num escritório, quando é hora de escrever o texto jornalístico ou acadêmico. Teóricos das duas áreas tiveram a mesma ideia de associar os cinco sentidos à prática de cada profissão. Tanto Ryszard Kapuściński quando Roberto DaMatta valorizam o jornalista e antropólogo, respectivamente, que ouvem, olham, cheiram e sentem suas pautas e seus objetos de estudo. Pelo menos na antropologia o mito da objetividade já foi derrubado e o eu do etnógrafo, quem faz a pesquisa de campo, aparece nas pesquisas mais recentes. O jornalista direciona entrevistas, decide o que fotografar e seleciona fontes, mas consideramos nossa prática objetiva. Preferimos a notícia livre da subjetividade ao preço da gasolina livre de impostos.

A apuração do antropólogo pode durar seis meses, dois anos, o tempo suficiente para conhecer toda a cultura de uma população numa ilha perdida do Pacífico, no meio da Amazônia ou no próprio bairro onde mora. Jornalista tem que agir como se conhecesse um estado a três mil quilômetros de distância depois de passar no máximo sete dias no local e ainda trazer informação relevante. Texto jornalístico não prevê um capítulo sobre dificuldades de pesquisa, principalmente com a economia de caracteres feita para caber anúncios cada vez maiores nas páginas dos jornais. Editor é a figura que o jovem jornalista mais teme. Nem se vê tentando vender uma pauta que precisaria de meses de apuração e, quem sabe, mais de um ano para escrever o texto completo, como num doutorado. Nesse caso, o editor perfeito seria o CNPq, a Fapesc ou orientador de TCC.

Uma dica que a professora de antropologia dá num portunhol enrolado aos estudantes, que não sabiam o que era pesquisa de campo até então, é para não se acostumar com os detalhes de uma cultura e anotar num diário todas as experiências. Se o pesquisador começa a achar normal a rotina de uma tribo que pratica rituais secretos e privados, logo acha desimportante o exorcismo de demônios bucais, o apego a poções mágicas e ao curandeiro e tendências masoquistas, como o rito exclusivamente masculino de raspar e lacerar o rosto com um instrumento afiado. Agora imagine um jornalista que propõe pautas como “Homens e mulheres utilizam hoje aparelhos movidos a um líquido amarelado para chegar aos locais de trabalho”, “Brasileiros se vestem para mais um dia” ou “1 milhão de bebês desconhecidos nasceram hoje no país”.

Com ou sem subjetividade e anúncios gigantescos deformando as matérias impressas, bom seria se o deadline pudesse esperar que os jornalistas compreendessem toda uma realidade e traduzissem a apuração num texto digno de Esso. E que os entrevistados dos ainda universitários, apressados com o próximo compromisso, esquecessem todos de perguntar o destino daquela reportagem. Como diria a professora “A diferença entre antropologia e jornalismo é que ninguém sabe o que é antropologia”. O João pipoqueiro era tão mal criado que nem quis saber porque eu estava fazendo tantas perguntas.



“A diferença entre antropologia e jornalismo é que ninguém sabe o que é antropologia”

Sobre o ser inconstante

por Thiago Moreno

Vivemos na sociedade do constrangimento. É errado ser gay, mas também não é certo ser homofóbico. Não pode marchar pela legalização das drogas e muito menos conter a liberdade de expressão. Sexo é tabu, mas não falar sobre sexualidade é careta. Você é condenado por ser um burguesinho capitalista metido a bonitão, ou por ser um esquerdistista hippie vegetariano chato. E o pior, tudo isso ao mesmo tempo.

Afinal, não somos aquele homem médio natural que tem sempre a mesma opinião e volta à sua rotina de ideias e pensamentos. De manhã, na cama, posso ser velho e a rua me fazer jovem. Estou louco para ler o Estado de S. Paulo no café, e desesperado para folhear a Carta Capital depois da janta. As duas únicas coisas constantes na vida são a mudança e a crítica que cria inconstância. Tão modernas, tão modernas, que se transformam em pós-modernidade.

Daí surgem conflitos de momento, mais que conflitos de identidade. Numa hora se briga pelo direito à informação, na próxima pela privacidade, como se fossem contrários que não podem ser discutidos ao mesmo tempo. Aliás, já diziam Freud, Foucault e tantos outros pensadores, não é esse mesmo o princípio da vida em comunidade? Leis contrariam vontades, que vivem num embate no qual agora sai um vencedor que no momento seguinte se torna perdedor.

Outro dia a praça XV, no centro de Florianópolis, se encheu de uma massa muito plural de pessoas. Negões, viados, sapatas, heteros, branqueiros, vagabundos, mauricinhos, maconheiros, conservadores, velhotes e moleques esperavam o relógio mostrar as 18h pra começarem a se beijar. A coisa foi tão democrática que até os beatos foram assistir. A galera estava lá para protestar, mesmo os religiosos. Meio que sem saber, eles queriam o mesmo: mostrar para o mundo quem são.

De um lado, estavam os manifestantes do "Um Beijo a Bolsonaro", movimento contra a homofobia que levou aquela gente a se expor em praça pública, literalmente. Do outro, os representantes das igrejas cristãs a favor da moral e da família brasileira. No meio, misturados, estavam o engodo da liberdade e a vontade de melhorar o que não tem mais salvação.

A repercussão na internet, nas notícias que saíram algumas horas depois, somavam uns tantos apoiadores da causa, alguns inconformados com a promiscuidade do ato e outros tantos enojados. Em seguida, o Twitter e diversos blogs reclamavam que os principais portais jornalísticos bloqueavam comentários sem motivo aparente.

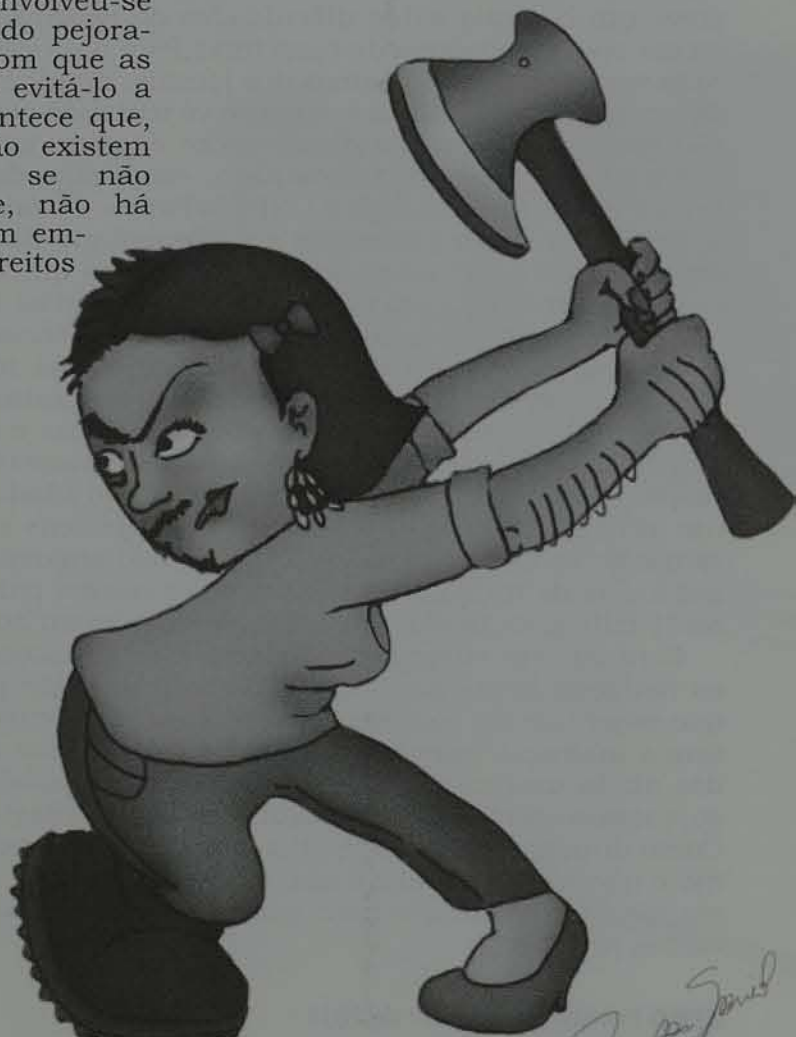
Como, para não ser ridicularizado, não se pode estar de um lado nem do outro, a resposta certa é sempre a metade. O caminho do centro, porém, segue somente a linha reta e vai cair apenas no próprio centro. A política brasileira, desde os tempos da colonização, se caracteriza por tentar conciliar os lados, geralmente por relações de compadrio. Ninguém quer mais os extremos, mas buscar a média está nos transformando na sociedade de ódio.

O conflito envolveu-se com um sentido pejorativo que faz com que as pessoas desejem evitá-lo a todo custo. Acontece que, assim como não existem enfrentamentos se não houver liberdade, não há como ser livre sem embates de opinião, direitos

ou qualquer outra coisa. Querer o fim dos conflitos é acabar com o espírito libertário. E uma das melhores maneiras de conseguir isso, a história brasileira bem sabe, é com a força física.

Um exemplo bem ilustrativo talvez seja o protesto dos bombeiros no Rio de Janeiro, movimento pacífico atacado pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais, o BOPE mesmo, aquele do Capitão Nascimento. Perguntas sobre o porquê de um corpo da polícia que cuida do apaziguamento de favelas ter sido indicado para lidar com manifestantes ficam óbvias após o balanço da crise. Quase 500 pessoas foram presas, depois do BOPE invadir com gás lacrimogêneo e possíveis balas de fuzil.

Tanto este caso como o da manifestação em Florianópolis são debates que não deveriam ser dissolvidos por jatos de água ou bloqueio de opiniões. Se o objetivo final não é mais a humanidade integrada, liberta, igual e solidária, vamos permitir, pelo menos, a busca de cada um, com suas ideias ora de esquerda, ora de direita, ora machistas, ora feministas, sem constrangimento a nenhuma delas. Deixemos que as opiniões sejam expressas e que sejam contrárias entre si e que, de preferência, discutam nervosamente até chegar a uma solução ou até chegarem à conclusão de que não há uma só resposta.



Vaidades que a terra há de comer

por Jéssica Butzge

O ser humano é um bicho egoísta. A gente já nasce com aquele sentimento de que o mundo é nosso. Tudo é nosso, e só nosso. Primeiro são os brinquedos que a gente não quer emprestar, depois o melhor amigo, aí o ombro, o tempo, o dinheiro. Um dia a gente aprendeu com alguém mais velho que era preciso ser o melhor, vencer a gincana, torcer para um time que sempre ganha, receber elogios, ser promovido, inflar o ego e alcançar o pódio. Vaidades que a terra um dia há de comer, como diz a letra da música.

Estamos o tempo todo competindo. Nossa espécie mata outros da mesma espécie por prazer, por amor, por ódio, por terra, por papel, por religião, por dinheiro ou por motivo algum. Tão racionais que somos, colaboramos a cada dia para o fim da nossa e das outras espécies. Somos predadores de nós mesmos. Ou seriam os tão brutos, sem racionalidade e malvados leopardos, gorilas, tubarões e crocodilos os responsáveis por todo esse desequilíbrio ambiental? Seres humanos são capazes de aprovar leis que privilegiam o fim das matas, dos rios, dos bichos. Taí, o novo (retrógrado) Código Florestal brasileiro. Só mais uma prova autenticada de quão burros – desculpem-me os animais por tamanha injúria – e imediatistas somos. Queremos progresso, futuro, evolução, tecnologia, rapidez, e esquecemos o que estamos fazendo agora. Mas e o depois? Aquecimento global, queimadas, poluição, extinção? Ah, nem estaremos mais aqui...

Enquanto isso, lá na Antártida, colônias de Pinguins-Imperadores formam verdadeiros círculos fechados para proteger seus ovos e superar temperaturas de -40 °C e ventos de 200 km/h. Os machos que ficam nas extremidades revezam o tempo inteiro com todos os pinguins da roda. Isso se chama cooperação. Bandos de pásaros migram juntos por todo o planeta como se tivessem ensaiado uma dança, completamente sincronizados. Achamos um espetáculo da natureza, algo digno de ser fotografado e admirado, para eles, é só uma questão de união e sobrevivência. Abelhas têm um sistema de cooperação invejável. Há uma hierarquia, há também a realeza, os nobres, os operários, mas no fim, todas ganham, todas produzem o doce e apreciável mel. E, nós, humanos? Costumamos nos atropelar por aí. É a pressa de viver que acaba apressando a própria morte. E, de vez em quando, a de quem não tem nada a ver com isso. Antes de chamarmos alguém de mula, anta, vaca, cobra ou qualquer outra espécie animal, pensemos muito bem se, na verdade, não estamos fazendo um elogio ao invés de um xingamento.

Tom Shadyac, conhecido diretor de filmes de comédia estrelados por Jim Carrey, lançou um documentário chamado "I am". É sua redenção, segundo ele mesmo, após ter ganhado muito dinheiro, realizado extravagâncias e um dia ter parado e simplesmente se perguntado: "O que há de errado com o mundo?" Ele admite que também permanece cheio de egoísmo, mas que luta todos os dias para superá-lo.

Espelhando-se em Shadyac, às vezes, seria bom pensar que é muito mais gratificante um jogo de frescobol em que os dois cooperam mutuamente e ganham, do que um de tênis de mesa, em que há apenas um vencedor. Mas ainda estamos longe de deixar o senso comum pra trás e acreditar em uma nova forma de interação social. Como diria o vocalista da banda Engenheiros do Hawaii, "chegamos ao fim do século, voltamos enfim ao início. Quando se anda em círculos nunca se é rápido o bastante". Temos realmente todo o tempo do mundo?



Meio-termo

por Leonardo Lima

Sentado sob a tenda do posto 5, após uma breve partida de futvôlei em Copacabana, Joacir explica sua opção: "Venho pro posto 5 porque gosto do agito da orla, mas não aprecio a badalação do posto 9 de Ipanema, entende?". Joacir Middterm Sousa é carioca nascido em Realengo que prefere a praia de Botafogo ao Leblon, sun-ga à short e MPB ao rock. Seu nome do meio, esclarece o carioca, não é um sobrenome de ascendência anglo-saxã: "O composto é porque minha mãe um dia viu um gringo falando na praia que a melhor coisa na vida é encontrar o meio-termo, um "middterm" - daí deu no que deu, tomei também como filosofia de vida."

Aos 22 anos, Joacir não tem vergonha de sua origem: "Me considero um suburbano intelectualizado. Desde criança que eu penso no futuro, na minha profissão, sempre tive metas!" Concluído o ensino médio, Joacir viu-se diante da aflitiva situação, a qual acomete os estudantes que têm de escolher o que fazer para sobreviver nos próximos 40 anos. "Como se fosse fácil! Mas eu confio no meu taco, poderia entrar em qualquer curso que escolhesse!"

Garoto de princípios, tampouco gostaria de abrir mão de seus ideais em prol de um salário exorbitante. "Sempre almejei a equação perfeita entre ideologia e retorno financeiro." Middterm já pensou em ser médico - especificamente cirurgia plástica - para trabalhar em reconstrução estética e ajudar as pessoas na recuperação da auto-estima. "Não deu certo, ao fim das minhas pesquisas de campo descobri que só ganha um bom dinheiro o camarada que fizer mais implantes e empinar mais narizes em um ano."

Radicalmente, pensou também em ser engenheiro ambiental, formado pela UFF. "Ganha salário de engenheiro e ainda pode se preocupar com o ambiente. Meu sonho era defender nosso patrimônio natural lá na Amazônia." Sempre atento ao noticiário, Joacir logo desistiu da ideia ao assistir a impunidade nos casos de morte encomendada dos ambientalistas José Cláudio Ribeiro e Maria do Espírito Santo, assassinados em tocaia no Pará. "Você viu? Ainda por cima o coitadinho do cachorro que vivia com o seu José até hoje não sai do lado da farda que o dono usava para embrenhar mata adentro!"

Em um arroubo sócio-consciente, pensou também na educação das futuras gerações, "Mas o professor, coitado, se não tiver amor pela profissão amarga com os péssimos salários! É só ver o caso de Santa Catarina, com o governo achando absurdo o magistrado reivindicar o piso salarial! O piso!" - indigna-se Middterm. "Tá parecendo aqui no Rio quando mandam prender mais de 400 bombeiros que recebem o piso mais baixo do Brasil!"

Depois de muito matutar entre um chope e outro, Joacir Middterm achou melhor mesmo preocupar-se apenas com o próximo jogo de futvôlei. "Afim, meu amigo, acho que é aqui que se encontra o equilíbrio da vida."



Fones de ouvido

por Ingrid Fagundez

Certa vez uma professora de teatro, meio loira, meio louca, disse que não entendia por que as pessoas andavam pelas ruas com fones de ouvido e olhares lunáticos. Para ela, mulher de gestos grandes e expressivos olhos azuis, escutar os barulhos dos carros, os cochichos dos passantes, o vento batendo nas árvores era importante para se sentir vivo, presente, integrado ao mundo. Desde então, ao ver uma pessoa com os fiozinhos caindo pelos ombros ou mesmo ao optar por colocar os fones em vez de ouvir conversas alheias no ônibus, eu penso nisso.

Até que ponto as pessoas querem mesmo isolar-se do ambiente e, também, de todas as frustrações, inquietações e fatos que as incomodam? Mas, olhando pelo outro lado, meio na diagonal, ignorar os ruídos da cidade e enfiar uma melodia ouvidos adentro não é má ideia. Encare como a trilha sonora do seu dia. Você passa pela avenida, com o sol se pondo e Vinicius de Moraes cantando para homenagear a sua caminhada. Não custa sonhar.

É como se a música e o ambiente se integrassem e te transformassem no personagem de tua própria vida. Charmoso, destacado na multidão – formada por você e por todo o seu ego musi-

calmente alimento –, seguido por um holofote imaginário, ao som de uma letra que fala sobre você. Sim, disseram que era sobre a namorada do vocalista, mas, na verdade, no fundo, você sabe que ela trata da sua forma diferente, sexy e peculiar de encarar as coisas. É sobre aquele idiota que te deixou e pelo qual você sofreu dias e noites e estraçalhou barras de chocolate sem dó nem piedade. Ou, no caso dos homens, sobre o fato de que ele é quente, muito sensual, devorador de mulheres. Seja uma melodia de um amor despedaçado, seja um rap eletrônico que descreve um cara incrivelmente irresistível, as músicas se transferem para a atitude das pessoas como um biscoito absorve o café, ou algo assim.

A incorporação da melodia pode ser tão intensa, que os fo-

E de repente, todos os seus problemas que, ontem pareciam tão distantes, retornam e não há mais onde se esconder

nes sejam dispensados para que a música exploda nas caixas de som de um celular. É o que acontece com os manos ou malacos – como define o manežês –, que apreciam a sensação de desfilarem com os aparelhos em mãos, gritando um funk ou pagode para quem quiser (ou não) ouvir. Tudo

bem, todos têm o direito de estar no centro de seu palco imaginário, ao som que preferir, mas, a confidencialidade da melodia, sussurrada aos ouvidos, dá um toque de charme à experiência. Aqui estou eu, no busão, mas ninguém sabe que esse é um momento daqueles meio melancólicos cantados por Bob Dylan.

As paisagens e os demais transeuntes – palavrinha engraçada que, para mim, tem mais a ver com almas do que com corpos – contribuem para a construção da cena. Imagine que é início de noite e você anda pelas ruas do centro da cidade, que se esvazia. Faz frio. No céu, um fundo azul marinho se mistura com nuvens negras. Você aperta o play e a próxima faixa é “Yesterday”. E de repente, todos os seus problemas que, ontem pareciam tão distantes, retornam e não há mais onde se esconder. *Sir Paul* está triste e a sua vida é uma merda. Pense nos problemas amorosos que já enfrentou, na pessoa que costumava ser... não sobrou nada. Os sentimentos vêm como uma avalanche e, onde só havia um homem ou uma mulher cansados do trabalho e sedentos por uma boa janta, agora pulsa um ser completamente insatisfeito com a sua existência. Mas, não se preocupe, “*every little thing is gonna be all right*”. Bob Marley começa a balançar seus dreads e faz cócegas nos seus ouvidos. Amanhã será melhor.

